

“Do gênio á Loucura; o puro sujeito que conhece”

CUNHA, Giselli E. Murari da

---

Segundo Arthur Schopenhauer a genialidade reside na capacidade de proceder de maneira puramente intuitiva, de perder-se na intuição e de afastar por inteiro dos olhos o conhecimento que existe originalmente para o serviço da vontade, isto é, seu interesse, seu querer, seus fins e assim a personalidade se ausenta completamente por um tempo.

Platão dispõe em várias passagens do parentesco entre loucura e gênio: no Fedro, 245, A, segundo Platão “sem certa loucura não pode haver poeta autêntico”. E, mais além, afirma que quem desconhece as ideias eternas nas causas efêmeras surge como louco.

Essa concepção esclarece com propriedade as excentricidades e falhas de caráter que se nota em passados ainda tão recentes na individualidade e particularidade dos seres geniais.

No entanto, em uma breve explanação para apreendermos tais fenômenos deve-se, portanto, assimilar o conceito “gênio”.

Gênio segundo a literatura constitui todo indivíduo capaz de apreender as ideais mediante o “principio da vontade”; a vontade que nos move, voltadas segundo seus meios e próprios fins; do sujeito que apreende e se apropria de suas próprias ideias.

O que o leva as últimas conseqüências o desejo intragável de alcançar seus próprios fins para contemplação e satisfação própria. Este, portanto, é o gênio que se ausenta, se despersonaliza e esse reinventado como algo travestido de quaisquer outras coisas menos o sujeito dotado do principio da razão.

Portanto, para este indivíduo; ausente de personalidade prepara-se para receber suas novas sensações cognitivas como a tabula rasa proferia por Jhon Locke.

A, contudo um diferencial, suas doses homeopáticas de despersonalização lhe gera extremo sofrimento a partir que este passa a não se reconhecer e não a reconhecer o outro e a tudo aquilo que o circunda.

E tais doses vêm acompanhadas com uma sobrecarga de sensações somente agora experimentadas por este indivíduo gênio, tais quais, mudanças

de humor que lhes é freqüente, a melancolia do não reconhecimento lhe é imposta, isto é, portanto, um caminho perigoso onde essas falhas e o sofrimento gerado os levam ao extremo da loucura.

Porque o adverso e o inconveniente sobrepujam o favorável e desejável e uma representação vivaz rapidamente reprime a outra: como já supracitado e a mudança de humor é surpreendentemente instantânea.

Portanto, salta-se de um extremo a outro, releva-se, do exposto, um fenômeno que se aproxima da loucura como Gothe o descreve em Tasso, por exemplo.

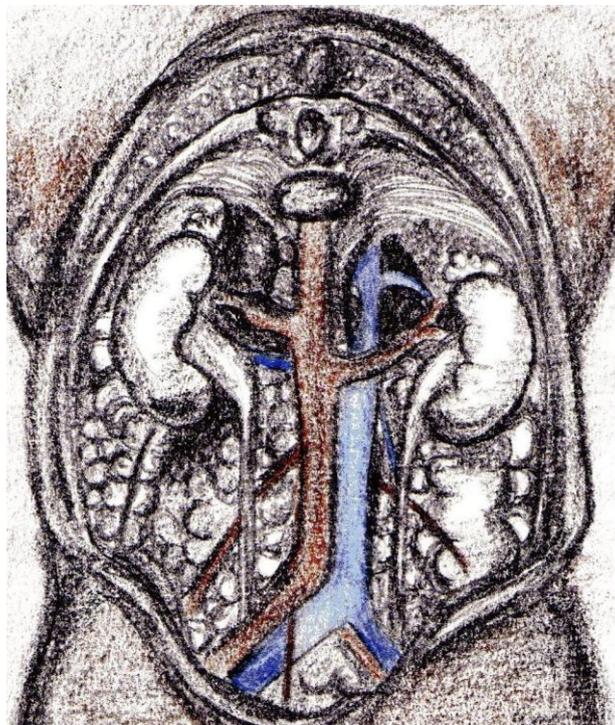
Pois tudo os afeta fortemente tal como são espelhos límpidos e recebem em doses impactantes os choques de realidade, já que, o presente, o instante, o aqui e o agora, não lhe são suficiente esse fato não preenche sua consciência na medida em que lhe é demasiado insignificante.

Devido a esse fato, as impressões acerca do presente são impactantes sobre as posturas e atitudes do gênio que o arrasta para o irrefletido, os afetos as paixões. Portanto, o sujeito reflete e segue por si próprio seus mais relevantes impulsos.

De modo que, quando o individuo pensa por si mesmo este segue sua intuição, seus impulsos, seu princípio de vontade, e apenas lhe é dado a matéria e a oportunidade para pensar o que esta de acordo com a sua natureza e com a sua disposição.

Tal como este; este determinado no momento, seja pelo ambiente que o cerca, seja por alguma lembrança que lhe é muito próxima.

Quando, no entanto, mediante vigoroso estímulo, toda consciência genial do indivíduo é direcionada para seu próprio querer e para sua existência, mas todo excedente toma orientação subjetiva, e todos os motivos e circunstâncias que exercem influência sobre o querer do indivíduo se tornam iluminados pela luz intensa de seu conhecimento desproporcionalmente brilhante. Pois, daí todos os objetos de sua vontade se apresentam excessivamente vivazes, com cores vibrantes e aumentadas ao extremo.



Sistema orgânico, em contê e Black, 2010, giselli murari.

Pensar por si mesmo entra na figura do gênio, pois por mais ampla seja o repertório do indivíduo, quando desorganizada, não é valiosa quanto um repertório modesto, mas essencialmente compreendido.

E traz um sentido valioso quando voltado à literatura brilhante de "ver e não ver" de Oliver Sacks:

Nós que nascemos com a visão mal podemos imaginar tal confusão. Já que, possuindo de nascença a totalidade dos sentidos e fazendo as correlações entre eles, um com o outro, criamos um mundo visível de início, um mundo de objetos, conceitos e sentidos visuais. Quando abrimos nossos olhos todas as manhãs, damos de cara com um mundo que passamos a vida aprendendo a ver.

E quando Oliver Sacks desfere essas reflexões valiosas sob principio da vontade obriga-nos a realizar um desdobramento do tema tratado a pensar a literatura supracitada.

*“já que possuímos de nascença a totalidade dos sentidos e fazendo a correlação entre eles, um com o outro, criamos um mundo visível; um mundo de objetos”*. Um mundo visível moldado pelas sensações cognitivas.

E a figura do gênio nos é revelada o fato de que um extenso repertório quando não elaborado, refletido e decodificado, isto é, voltado por um pensamento próprio, possui menos valor do que um repertório ínfimo que, no entanto foi bem assimilado e compreendido pelo sujeito que se apropria deste.

Pois é apenas por meio da combinação ampla do que se sabe, por meio da comparação de cada “verdade” associada a outras “verdades” que um indivíduo se apropria de seu próprio saber e o domina completamente. Só é possível pensar com profundidade sobre o que se sabe por isso se deve aprender algo; mas também só se sabe aquilo sobre o que se pensou com profundidade. (Schopenhauer, “em A Arte de escrever”, pensar por si próprio, 2005; pág. 39, parágrafo terceiro)

Em contraponto ao homem gênio, vemos o “homem comum” cujo presente percorre por completo preenchido e satisfeito e para ele lhe é atribuído os significantes e significados: Há, contudo uma distancia entre racionalidade

propriamente dita, o autocontrole seguro, visão fechada, plenitude de segurança, regularidade de comportamento, etc.

Pois, o excesso de leitura tira do espírito toda a elasticidade; da mesma maneira que uma pressão contínua tira a elasticidade de uma mola. Portanto o meio mais seguro para não possuir nenhum pensamento próprio é pegar um livro nas mãos a cada minuto livre. Essa prática explica porque a erudição torna a maioria dos homens ainda mais pobres de espíritos e simplórios do que são por natureza, privando também seus inscritos de todo e qualquer êxito. (*Schopenhauer, "em A Arte de escrever", pensar por si próprio, 2005; pág. 41, parágrafo primeiro.*)

Em contrapartida, a erudição aclamada pelos "homens comuns da terra"; o homem gênio apreende as ideias para a concretude, isto é, para objetividade e do explanado, reafirma o contato imediato entre genialidade e loucura,

Nós que nascemos com a "visão" mal podemos imaginar tal confusão. Já que, possuindo de nascença a totalidade dos sentidos e fazendo as correlações entre eles, um com o outro, criamos um mundo visível de início, um mundo de objetos, conceitos e sentidos visuais.

Contudo, quando abrimos nossos olhos todas as manhãs, nos deparamos com um mundo que passamos a vida aprendendo a "ver".

